

GEÓRGIA: a Guerra que a Rússia Perdeu

Stephen J. Blank, Ph.D.

As opiniões expressas aqui não representam as opiniões do Exército, do Departamento de Defesa ou do Governo dos EUA.

A GUERRA DA GEÓRGIA, que estourou em agosto de 2008, já dá todos os sinais de ser um marco decisivo nos assuntos mundiais. Já vem moldando políticas e cálculos governamentais por todo o mundo. O aspecto mais marcante dessa guerra é o unilateralismo implacável e agressivo da Rússia. No início de setembro de 2008, menos de um mês depois do início da guerra, a Rússia havia se recusado a cumprir o próprio cessar-fogo, ampliado a sua zona de ocupação, saqueado os territórios georgianos sob seu controle, exigido um embargo de armas e a mudança de regime na Geórgia, reconhecido unilateralmente a Ossétia do Sul e a Abcásia e lançado vários ultimatos aos EUA para não rearmar a Geórgia e para deixar de fornecer assistência humanitária. A Rússia também ameaçou a Polônia com ataques nucleares, disse aos EUA que talvez suspenda a cooperação com respeito à não-proliferação nuclear iraniana e a impedir a compra de mísseis de defesa antiaérea por parte do Irã, anunciou sua intenção de completar o reator nuclear Bushehr do Irã e ameaçou a Turquia com retaliação por manter o estreito de Bósforo aberto para remessas de ajuda humanitária.

Além disso, em 31 de agosto, o presidente Dmitri Medvedev declarou que a Rússia lutaria contra a unipolaridade americana; adotaria uma doutrina semelhante ao nazismo, que afirma que Moscou tem o direito de proteger os russos étnicos, assim como aqueles a quem conceder cidadania fora de suas fronteiras; e reivindicaria uma esfera de influência russa que englobaria a Comunidade dos Estados Independentes (CEI) e outras nações fora da CEI com as quais possui “relações privilegiadas”.¹ Assim, Moscou busca desafiar toda a estrutura de relações internacionais contemporâneas. Esses princípios políticos declarados são marcas de um regime que está fora de controle, consumido por sua própria arrogância e insolência, e que é um perigo claro e presente para todos os seus vizinhos e interlocutores.

Contudo, embora a Rússia tenha vencido a guerra em termos táticos e operacionais, está cada vez mais claro para Moscou — como deveria ter sido antes da guerra — que as perdas estratégicas estão aumentando e, com o tempo, ofuscarão os ganhos obtidos com o emprego da força. A despeito de operações com um custo estimado de US\$ 2,5 milhões por dia, os dirigentes russos manifestam uma falta de preocupação com o impacto

FOTO: Reflexo de estátua do ditador soviético Josef Stalin em uma janela estilhaçada por balas, no centro de Gori, na Geórgia, 19 de agosto de 2008. Uma pequena coluna de viaturas blindadas e carros de combate russos saiu da cidade estratégica de Gori, primeiro sinal de uma retirada de tropas russas da Geórgia depois de um cessar-fogo destinado a pôr fim ao combate que reavivou as tensões da Guerra Fria.

Foto da AP, Mikhail Metzel

econômico da campanha na Geórgia.² O Ministro das Relações Exteriores, Sergei Lavrov, descartou preocupações sobre possíveis sanções contra a Rússia.³ Ao contrário do Presidente Medvedev, o Primeiro-Ministro, Vladimir Putin, acredita que o custo potencial será insignificante e que a crise financeira que afeta a Rússia atualmente tem pouco ou nada a ver com a Geórgia.⁴ Putin se recusa a aceitar o fato de que a guerra na Geórgia e a consequente ira internacional contra a Rússia estão de alguma forma ligadas à quebra da bolsa de valores russa ou à fraqueza do rublo.⁵ Tal irrealismo estratégico imita o da liderança da Geórgia.⁶ A Rússia também não parece perturbada com o fato de agora ter perdido a possibilidade de aderir à Organização Mundial do Comércio (OMC) e, assim, milhões de dólares em receitas e investimentos.⁷ Contudo, uma análise mais detalhada sugere que, mais uma vez, a confiança de Putin, do presidente Medvedev e de seus subordinados foi mal depositada.

Não há dúvida de que as operações militares unilaterais e drásticas da Rússia desencadearam esses eventos econômicos negativos. Uma operação limitada de imposição da paz (para usar a terminologia americana) da Rússia para expulsar as forças georgianas da Ossétia do Sul teria demonstrado suficientemente que a Rússia estava certa, frustrado a política georgiana, desacreditado o regime de Saakashvili e provocado pouca reação. Em vez disso, cego pelo desejo de mostrar ao mundo quem é o chefe da CEI, humilhar e derrubar o presidente georgiano, Mikheil Saakashvili, e demonstrar que a Rússia ainda é uma grande potência com a qual não se deve brincar, Putin foi com tudo. Seu ódio pessoal contra Saakashvili e o seu sentimento revanchista e rancoroso contra os EUA são as causas subjacentes da invasão — e provam quem tem o verdadeiro poder por trás do trono. Há evidências de sobra de que a guerra foi uma provocação liderada por Putin do começo ao fim, concebida para realizar as metas geopolíticas e pessoais supracitadas, e talvez inspirada por uma necessidade de mostrar ao presidente Medvedev que, na verdade, ele não controla a Rússia e não pode remover os membros do serviço secreto do poder.⁸ No mínimo, a dimensão, abrangência e velocidade da resposta das armas combinadas e a ocupação continuada por parte da Rússia e russificação dos territórios georgianos, a despeito do próprio cessar-fogo, assim sugerem.⁹ Contudo, os custos dessas operações começam a se fazer sentir.

No início de setembro de 2008, a bolsa de valores russa caíra consideravelmente, o investimento estrangeiro deixava o país, a UE parou de trabalhar em um novo acordo de parceria com a Rússia, e os principais membros da UE tocaram na ideia de criar sanções contra ela. Em troca, a Rússia ameaçou cortar remessas de energia a seus clientes.¹⁰ Tornou-se até necessário para a Rússia intervir em seus mercados para resgatar o valor em queda do rublo. Embora boa parte dessa fraqueza econômica fosse e seja atribuível à recessão global e às patologias econômicas da governança russa, a situação na Geórgia — além da ruptura de laços com a UE e com os EUA — contribuiu de modo significativo para os receios dos investidores quanto à futura saúde econômica da Rússia. Os custos geopolíticos da aventura georgiana começam a aparecer e, mesmo em suas etapas iniciais, geram resultados consideravelmente negativos para a Rússia. Para agravar os problemas desta, os EUA, como a UE,

Stephen Blank é professor de Estudos de Segurança Nacional da Rússia, no Instituto de Estudos Estratégicos da Escola de Guerra do Exército dos EUA, em Carlisle, na Pensilvânia. Publicou mais de 600 artigos e monografias sobre política militar e externa soviética/russa, asiática, europeia e americana; testemunhou frequentemente perante o Congresso em relação à Rússia, China e Ásia Central; prestou consultoria à CIA, importantes institutos de pesquisa e fundações; presidiu grandes conferências internacionais; e foi comentarista sobre relações exteriores na mídia nos EUA e no exterior. Publicou ou editou 15 livros voltados à política externa, energética e militar da Rússia e à segurança internacional na Eurásia. O Dr. Blank é mestre e doutor em História Russa pela University of Chicago. É bacharel em História pela University of Pennsylvania.



Foto da AP. Irakli Gedenidze

O presidente da Geórgia, Mikhail Saakashvili, preside uma sessão governamental em Tbilisi, na Geórgia, 12 de setembro de 2008.

consideram sanções contra a Rússia; retiraram o acordo nuclear que lhe teria rendido centenas de milhões de dólares, anunciaram uma reavaliação de sua política russa e cogitam suspender as conversas sobre o controle de armas.¹¹

As conseqüências desta última ação, caso ocorra, serão imensas. Se os dois lados não reafirmarem sua intenção de, até dezembro de 2008, prorrogar o Tratado de Redução de Armas Estratégicas (*Strategic Arms Reduction Treaty — START*), ele expirará em 2009, deixando ambos sem meio algum de verificar os programas estratégicos um do outro. Dados os impasses atuais sobre a prorrogação do tratado e o sistema de defesa antimísseis, isso pode significar que não haverá reduções nas armas estratégicas antes da Conferência de Revisão do Tratado de Não-Proliferação em 2010. Deixar de prorrogar o START agora praticamente arruinaria a

conferência de 2010 e possivelmente abriria a porta para a proliferação no Irã e na Coreia do Norte, um evento que não beneficiaria ninguém e exacerbaria ainda mais as tensões globais e regionais até em regiões não ligadas à Geórgia. Enquanto isso, a Otan começa a repensar os baixos níveis de gastos de defesa de seus membros e a considerar destinar mais recursos à defesa territorial.¹²

Enquanto isso, o primeiro-ministro Putin ameaça suspender a cooperação mínima e relutante da Rússia com os EUA quanto ao Irã, para vender mísseis antiaéreos S-300 para Teerã, caso Washington aja contra Moscou.¹³ A capacidade em mísseis iraniana e chinesa já alarmaram tanto a Rússia que ela quer abandonar o Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (*Intermediate Range Nuclear Forces — INF*), de 1989, ou globalizá-lo, fazendo

com que Moscou não tenha nada a ganhar com uma suspensão de contatos com Washington, exceto a intensificação de ameaças contra ela por seus supostos aliados.¹⁴ Embora perfeitamente legal, uma retirada russa do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário é totalmente contraproducente, porque estimularia a produção de mísseis na Europa, Ásia e Oriente Médio com um ritmo que a Rússia não poderia igualar.

Uma administração americana puramente maquiavélica poderia, de fato, aceitar a ameaça de Putin, deixando-o sozinho entre esses vizinhos ameaçadores, enquanto os Estados Unidos constroem sistemas de defesa antimísseis na Europa e Oriente Médio para bloquear a ameaça iraniana permitida pela Rússia. Podemos ver a falta de visão estratégica de Moscou nessa crise pelo seu ultimato arrogante a Washington, exigindo que apoie a Rússia e descarte a Geórgia ou sofra as consequências.¹⁵ Essa arrogância inoportuna lhe será, sem dúvida, prejudicial. Nenhum governo dos EUA aceitará tais ultimatos, que a Rússia não seria capaz de impor sem grandes custos.

Outros custos políticos notáveis para a Rússia também já são visíveis. A CEI já provou ser totalmente inútil para alcançar uma posição de apoio ou oposição à guerra. Enquanto indicava sua desaprovação de forma ostensiva, a CEI não se pronunciou sobre a guerra e os esforços da Rússia de reorganizar a integridade e soberania da Geórgia. A Belarus só se uniu ao coro de aprovação da guerra depois que Moscou avisou Minsk que não apreciava tal silêncio. Contudo, a Belarus tinha indicado interesse em melhorar os laços com a Europa e com os EUA anteriormente por meio da libertação de dissidentes da prisão.¹⁶ Além disso, o Cazaquistão exigiu negociações e se recusou a apoiar completamente a operação, dando assim cobertura ao Quirguistão, que estava claramente insatisfeito com o término forçoso da soberania da Geórgia, em nome de uma doutrina russa de extraterritorialidade para justificar a intervenção em prol de minorias russas. De fato, seu governo esperou mais de um mês antes de endossar a campanha da Rússia.¹⁷ A Organização de Cooperação de Xangai (OCX) se recusou a apoiar as ações de Moscou para desmembrar a Geórgia e reconhecer a Ossétia do Sul e a Abcásia. A China também manteve o silêncio intencionalmente, indicando sua ambivalência,

para dizer o mínimo, sobre as ações da Rússia. Obviamente, todas as suas ações até o presente só serviram para isolar a Rússia, especialmente quanto à questão de reivindicar uma esfera de influência sobre a CEI depois que a OCX demonstrou não aceitar tal reivindicação.

A recusa da OCX em ratificar a guerra de Moscou e apoiar o desmembramento da Geórgia indica que a organização não é o carimbo de aprovação que Moscou quer que seja, mostrando os limites do apoio chinês à Rússia.¹⁸ Embora Pequim não se oponha a realizar as Olimpíadas de inverno em Sochi, em 2014 e, assim, aprove tacitamente a ação militar, nenhum governo chinês pode apoiar abertamente uma decisão independente de uma grande potência de se apoderar de províncias em disputa e colocar bases militares lá. Os paralelos com Taiwan e com a crescente inquietação que acabamos de ver no Tibete e em Xinjiang são lembretes à China sobre a grande vulnerabilidade de suas reivindicações de soberania sobre aquelas províncias. O presidente Hu Jintao provavelmente se ressentiu com o momento da ação de Moscou na Geórgia, por ter atrapalhado suas pretensões para as Olimpíadas ao competir por cobertura de imprensa e desviado o foco que esperava manter exclusivamente na China. A postura cuidadosamente resguardada da OCX quanto a essa guerra e à secessão projetada da Abcásia e Ossétia do Sul sugere que a China possui mais influência na OCX do que Moscou gostaria que ela tivesse. Os governos da Ásia Central não apoiarão uma doutrina que reduza a sua soberania em benefício de Moscou, apesar dos esforços russos de subornar estados como

Os custos geopolíticos da aventura georgiana começam a aparecer e, mesmo em suas etapas iniciais, geram resultados consideravelmente negativos para a Rússia.

o Tadjiquistão.¹⁹ O desprezo demonstrado com frequência por autoridades russas em relação à soberania desses e de todos os outros estados da CEI e pós-soviéticos, incluindo os do Leste

Podemos ver a falta de visão estratégica de Moscou nessa crise pelo seu ultimato arrogante a Washington, exigindo que apoie a Rússia e descarte a Geórgia ou sofra as consequências.

Europeu, é questão de registro público e, embora dependam da Rússia, os estados da Ásia Central não podem apoiar uma redução tão pública de sua própria legitimidade e autoridade.²⁰

Ao mesmo tempo, as operações militares em curso da Rússia sugerem mais custos e obrigações futuras que Moscou devia ter previsto. Alguns custos são externos, referindo-se principalmente às relações russas com a CEI, e os outros, internos. Externamente, é evidente que o esforço unilateral da Rússia para diminuir a soberania e a integridade da Geórgia pela força está criando uma condição que permite que esta considere essas províncias como o equivalente da Alsácia-Lorena nas guerras franco-alemãs, ou seja, como um perpétuo local de reivindicações conflitantes e vingança. Ademais, a OCX, a UE e outros não reconhecerão o novo mapa europeu redesenhado à força pela Rússia com base em acusações falsas e provocações. Isso produz uma situação em que a Rússia não é capaz de converter o seu poder em autoridade legítima. Em outras palavras, a Rússia está semeando mais um conflito futuro no Cáucaso, possivelmente violento. Além disso, os órgãos internacionais se apressam em reconstruir a Geórgia. Os EUA estão fornecendo US\$ 1 bilhão em assistência, o FMI está emprestando US\$ 750 milhões e o conselho de administração do Asian Development Bank votou unanimemente para emprestar dinheiro à Geórgia para a reconstrução.²¹ Todas essas ações significam a desaprovação da política russa e a determinação de resistir a quaisquer esforços de destruir a economia e a capacidade da Geórgia para um autogoverno independente, um objetivo que pode bem ter sido parte importante dos planos russos.

O Cáucaso Norte continua em chamas. Há muitos sinais preocupantes do colapso da autoridade pública e, segundo consta, até policiais fugiram de ataques terroristas nessa região. De

fato, a guerra em andamento no Cáucaso Norte e o fracasso visível de Moscou em terminá-la levaram o principal analista americano daquelas guerras, Gordon Hahn, a denominar a Rússia de Estado em desagregação.²² A crise na Chechênia e no Cáucaso Norte exigiu 250.000 soldados para ocupar essas áreas em 2006, e os russos questionam o próprio governo de Moscou nessas províncias.²³

Mais uma vez, a Rússia regrediu a uma autocracia neoczarista, com elementos de ambos os sistemas soviético e fascista e uma tendência inerente ao aventureirismo militar. Pela quarta vez desde 1993, a Rússia decidiu unilateralmente empregar a *força maior* além do necessário para resolver as lutas internas de sucessão e revisar os acordos territoriais pós-1991.

A Europa já não pode presumir uma Rússia pacífica. A política de segurança nacional da Rússia pressupõe o conflito com a Otan e vê os Estados Unidos como seu principal inimigo — uma designação que a Rússia logo consagrará na nova doutrina de defesa. Sua política nuclear básica se apoia no corolário que para Moscou ficar segura, nenhuma outra capital europeia pode ficar segura. A Rússia quer retornar às políticas da Guerra Fria de intimidação com armas nucleares táticas e de mísseis balísticos de curto alcance, longo alcance e lançados de submarinos.

Talvez o maior ou mais duradouro custo político externo para a Rússia dessa aventura seja o fim da acomodação europeia em relação a Moscou. Até o Ministro de Relações Exteriores alemão, Frank-Walter Steinmeier, que é pró-russo, classificou essa guerra de momento decisivo.²⁴ A constatação de que a Rússia não honrará seus próprios compromissos políticos, como os acordos de cessar-fogo, apenas consolidará a opinião europeia contra a Rússia. A UE e a Otan

A Rússia quer retornar às políticas da Guerra Fria de intimidação com armas nucleares táticas e de mísseis balísticos de curto alcance, longo alcance e lançados de submarinos.

talvez discordem em alguns pontos, e a Rússia talvez tente utilizar a sua considerável capacidade de subornar, intimidar, chantagear e, de outra forma, subverter a unidade europeia, mas uma reação econômica, política e militar contra ela já vem tomando forma.

Essa reação, sem dúvida, vai além das sanções. Seu elemento mais visível é o acordo de defesa antimísseis entre a Polônia e os EUA, firmado dias após o início da guerra, como resultado direto da demonstração de políticas ofensivas por parte da Rússia. O tratado não apenas assegura a introdução de sistemas de defesa antimísseis americanos na Polônia, mas também posiciona soldados americanos lá para defender as baterias de defesa antiaérea *Patriot*. Obviamente concebido contra as ameaças russas, oferece uma garantia de segurança mútua além dos acordos atuais da Otan, podendo ser invocado mesmo antes da ação desta. Isso ameaça prevalecer sobre a capacidade de Moscou de intimidar a Europa com armas nucleares russas, podendo gerar uma corrida armamentista em todo o continente, que pode ser economicamente desastrosa para a Rússia. Pior ainda, o governo ucraniano anunciou

que está pronto para se associar com os sistemas de defesa antimísseis ocidentais e sistemas de alarme antecipado, sugerindo outra situação bastante perigosa para Moscou, especialmente se a Ucrânia aderir à Otan.²⁵

A questão de sistemas de defesa antimísseis demonstrara ser, mesmo antes da deflagração dessa guerra, capaz de efetivamente reorganizar a agenda de segurança da Europa, devido às ameaças feitas por Moscou à República Checa e à Polônia antes do acordo entre esta e os EUA. A vã ameaça nuclear e a política antiamericana beligerante da Rússia fizeram com que o Pentágono reagisse antes da guerra para assegurar a qualidade e a reação dos sistemas de dissuasão nuclear americanos.²⁶ De fato, a Marinha dos EUA considera empregar navios de guerra com o sistema de armas *Aegis* para patrulhar o Mar Báltico ou o Mar Negro, para impedir que os locais de defesa antimísseis na Polônia e na República Checa se tornassem os primeiros alvos durante um ataque inimigo faseado. Contudo, tal desdobramento naval seria uma violação da Convenção de Montreux, de 1936, e mesmo Ancara nunca o permitiria em tempos de paz, muito



Banners pendurados em prédios e muros em Tbilisi, na Geórgia, protestam contra a ocupação militar russa, 31 de agosto de 2008.



Foto: AP, Natalia Kolesnikova

O presidente russo, Dmitry Medvedev, à esquerda, escuta o vice-premiê, Igor Shuvalov, durante uma reunião com líderes empresariais em Moscou, 15 de setembro de 2008. Medvedev avisou que quaisquer sanções impostas contra a Rússia em relação à guerra na Geórgia levariam a resultados indesejados.

menos Moscou.²⁷ De fato, o Secretário de Defesa Robert Gates agora parece pedir um aumento nos sistemas de defesa antimísseis, devido à força nuclear estratégica russa. Sem dúvida, é assim que a Rússia interpreta seus comentários, usando-os, como faz, para comprovar sua alegação de que os Estados Unidos são hostis contra a Rússia.²⁸ Hoje, após a guerra com a Geórgia, o governo dos EUA reavalia as suas políticas em relação à Rússia, e muitos líderes militares alertam sobre a capacidade militar russa.²⁹

O que é particularmente perigoso sobre essa tendência é que a invasão russa da Geórgia, a fraca resposta resultante do Ocidente, o grau crescente de agressividade russa e a disposição de aceitar o isolamento internacional podem significar um retorno a um período de tensão elevada na Europa, embora não necessariamente outra Guerra Fria. Os alardes de Putin e Medvedev de que não temem uma Guerra Fria não resistem a uma análise detalhada, porque ambos sabem perfeitamente que Moscou não pode aceitar ou sustentar tal resultado. Além disso, se uma corrida armamentista estourar na Eurásia, é provável

que seja uma corrida nuclear. Como as forças convencionais da Rússia não se modernizam e a sua indústria de defesa não fornece armas em quantidade e qualidade suficientes, Moscou tem menos ações viáveis e pode mais uma vez depender de possíveis ataques nucleares de surpresa.³⁰ Contudo, até essa alternativa desesperada apresenta problemas. A Rússia não será capaz de produzir armas nucleares suficientes até 2015 para obter algo mais que um estado de dissuasão mínimo. Portanto, apesar de todo o alarde sobre patrulhamentos de bombardeiros de longo alcance, reivindicações de território no Ártico, voos rasantes sobre navios americanos e o possível posicionamento, em Cuba, de bombardeiros de longo alcance com capacidade nuclear, parece que as opções militares russas representam mera retórica vazia, destinada ao consumo interno. De fato, a indústria de defesa da Rússia não é capaz de atender à demanda pela produção contínua e de qualidade de armas convencionais de alta precisão. Aliado a um Exército que se recusa a tornar-se verdadeiramente profissional e que (com exceção de algumas

especialidades) não é capaz de executar operações de alta tecnologia e de empregar equipamentos modernos para efeitos máximos, tal fato resulta em um Exército inadequado às operações em larga escala contemporâneas ou à contrainsurgência. A única forma desta última que parece funcionar para Moscou é a tática tradicional de “criar um deserto e chamá-lo de paz”, enquanto encontra um líder semelhante a Quisling ou Petain, que aceitará o domínio russo e dividirá as elites locais.³¹ Em consequência, qualquer corrida armamentista com a Rússia provavelmente envolverá arsenais nucleares em vez de armas convencionais.

Entretanto, pode ser que Moscou tente restaurar suas capacidades convencionais caso as considere necessárias. Há boas razões para se acreditar que essa guerra feriu mortalmente o Tratado de Forças Convencionais na Europa (*Conventional Forces in Europe — CFE*). A Rússia suspendeu unilateralmente a sua participação nesse tratado em 2007, em parte, pelo menos, para ter liberdade de ação no Cáucaso. Hoje vemos as consequências dessa decisão precipitada. Contudo, nesse ambiente de ameaças intensificadas e retórica cada vez mais beligerante, não podemos descartar a possibilidade de uma corrida armamentista convencional por causa dessa guerra, pelo menos no Leste Europeu.

As respostas sempre beligerantes, mas possivelmente vazias de Moscou a esses desafios, como o anúncio formal de uma doutrina de extraterritorialidade e sua demanda por uma esfera de influência indefinida, sugerem que ela estava despreparada para agir conforme as suas provocações. Confrontados inicialmente com apenas uma resistência política fraca à sua invasão da Geórgia, os líderes de Moscou acreditavam, obviamente, que poderiam responder com demonstrações cada vez maiores de beligerância verbal. Mais uma vez, os ministros russos pensavam que podiam travar uma pequena guerra vitoriosa para assegurar seu poder no país e no exterior com pouco ou nenhum custo, e mais uma vez, calcularam mal as verdadeiras consequências.

Lições a Ponderar

Apesar da política russa, há uma lição profunda aqui para nós também, uma que devíamos ter aprendido como resultado do Iraque e suas

consequências internacionais. Como observado por Liddell Hart, o objetivo da guerra deve ser criar uma paz melhor — uma situação política transformada de forma positiva que produz uma ordem pós-guerra estável, duradoura e legítima. Para ter sucesso, a força precisa logo dar lugar a uma autoridade ou criá-la — uma ordem estável e legítima. O emprego da força deve criar condições em que a própria força deixe de ser necessária depois que as metas políticas e militares da guerra forem alcançadas e que o lado derrotado aceite o novo status quo.³² Contudo, Moscou não parece ter aprendido essa lição, visto que não trouxe uma paz melhor ou uma ordem legítima. Em vez disso, destruiu a ordem, abrindo caminho para corridas armamentistas, escaladas militares e maiores rivalidades em toda a região. Alguns talvez vejam paralelos entre essa situação e a do Iraque. Além disso, as repercussões não se restringem apenas à Eurásia. É bem provável que a Coreia do Norte tenha escolhido esse momento para anunciar que suspenderá sua cooperação com os acordos das Seis Partes de 2007, porque viu fraqueza nas respostas iniciais da Europa e dos EUA à Rússia.

No entanto, o governo russo não se deve dar por satisfeito com seu desempenho militar na Geórgia. Quase imediatamente depois da invasão, artigos críticos descrevendo todos os tipos de fracassos militares apareceram na imprensa e mídia eletrônica russa e internacional.³³ Alguns deles eram sinais óbvios de uma força indisciplinada: embriaguez pública e pilhagem primitiva de áreas ocupadas, por exemplo.

Os estadistas sempre tentam pesar os benefícios de ir à guerra em relação aos custos de fazê-lo,

...desde 1991, a Rússia desfruta do conjunto de ameaças externas menos perigoso de sua longa história. A Otan nem tem planos de contingência para um ataque contra a Rússia.

ao mesmo tempo em que avaliam os benefícios e custos de se abster da guerra. A guerra atual sugere que, no caso da Guerra da Geórgia, os dois lados

não o fizeram. A Geórgia deixou de considerar os benefícios e custos das duas linhas de política, com consequências catastróficas. De fato, parece que sua liderança ignorou a possibilidade de que a Rússia retaliaria com força uma operação inicial da Geórgia, até se fosse resultado de uma provocação russa.³⁴ Por outro lado, parece que a Rússia só pensou em termos das consequências de curto prazo. A Rússia pensava que, com os EUA envolvidos no Iraque, divididos de seus aliados europeus (eles mesmos divididos e, muitas vezes, dependentes do petróleo e gás russos), ela poderia reafirmar com segurança a sua primazia na CEI pela força e levar a Geórgia a agir de forma precipitada. Nesse sentido, porém, os cálculos da Rússia parecem estar corretos.

Mesmo assim, atordoado pelo sucesso, o governo russo foi longe demais e tentou não apenas ensinar uma lição à Geórgia, mas redesenhar os fundamentos da ordem internacional contemporânea com meios limitados de manter essa nova ordem. Nesse aspecto, só conseguiu multiplicar os custos para si próprio, porque deixou de reconhecer que, por mais que a Rússia se ressinta, a sua segurança depende dessa ordem. A avaliação de ameaças atual da Rússia, que pressupõe uma relação antagônica com o Ocidente e que alega estar sendo cercada pela Otan, é, em muitos aspectos, uma avaliação falsa, concebida para aumentar o papel das forças armadas e da polícia no país e consolidar a estabilidade de um sistema político inerentemente instável, com base na convicção de que *Nas ne lyubyat* (“Ninguém nos ama”). A realidade é que, desde 1991, a Rússia desfruta do conjunto de ameaças externas menos perigoso de sua longa história. A Otan nem tem planos de contingência para um ataque contra a Rússia. Só agora começa a discutir a formulação de tais planos, e os aliados mostram os primeiros sinais de uma maior coesão que no passado recente.³⁵ Além disso, a Rússia não pode arcar com uma competição geopolítica intensa com o Ocidente, enquanto mantém uma economia petrolífera baseada em um modelo econômico de czarismo moscovita, inerentemente aquém do ideal.³⁶

Se uma nação usa uma guerra limitada para revisar a ordem internacional e faz exigências que não pode impor, não apenas se desestabiliza tal ordem internacional (a mesma que, a princípio, protegeu a nação beligerante), mas também é possível que não haja um princípio organizador viável a partir do qual o novo sistema possa operar ou legitimar as exigências de segurança da nação beligerante. Notavelmente, a Rússia não conseguiu converter a sua conquista militar em autoridade legítima e ordem social.

No futuro, os que possam comprometer os seus governos com a guerra, em um mundo tão densamente interligado como o nosso, não só devem avaliar os benefícios e custos dela, mas também entender uma lição fundamental da nossa época: em guerras de escolha, os benefícios obtidos a partir do emprego não provocado de força em larga escala parecem diminuir, enquanto os custos tanto para o empregador quanto para a vítima da força crescem e têm efeitos mundiais. Essa interligação multiplica os custos primários, secundários e terciários das aventuras militares, como a realizada na Geórgia, para os combatentes principais e espectadores inocentes. No caso da Geórgia, esses espectadores não são apenas os parceiros e vizinhos da CEI, mas também da Ucrânia, Belarus, Ásia Central e até Europa e EUA. As reações desses Estados a essa guerra sugerem que eles, também, “perderam” a guerra em direções importantes e agora começam a arcar com seus custos político-estratégicos.

Quando todos perdem em uma guerra, a causa da paz e de uma ordem justa em assuntos internacionais também perde. Aparentemente, os que ameaçam empregar a força ou realmente o fazem podem, a princípio, cantar vitória nesses conflitos. Moscou pode se convencer de que venceu a guerra na Geórgia, mas, na realidade, abriu uma Caixa de Pandora de efeitos negativos progressivos meramente para satisfazer as suas próprias fantasias imperiais de ressentimento e vingança. **MR**

REFERÊNCIAS

1. “Interview Given by President Dmitry Medvedev to Television Channel One,” Moscou, 31 de agosto de 2008, disponível em: www.kremlin.ru/eng/speeches/2008/08/31/1850_type82912type82916_206003.shtml.

2. Moscow, *ITAR-TASS* em inglês, 10 de setembro de 2008, *Foreign*

Broadcast Information Service Central Eurasia (henceforth *FBIS SOV*), 10 de setembro de 2008.

3. “Russia Dismisses EU Sanctions Threat: Lavrov,” disponível em: www.eubusiness.com/news-eu/1219918627.³⁴, 28 de agosto de 2008.

4. WAGSTYL, Stefan. "Medvedev and Putin At Odds on Market Fall," *Financial Times*, 12 de setembro de 2008, disponível em: www.ft.com; WAGSTYL, Stefan, "Putin Sees No Link to War in Market Fall," *Financial Times*, 12 de setembro de 2008, 2.
5. Ibid.
6. Depoimento de William J. Burns, Subsecretário de Estado para Assuntos Políticos perante o Comitê do Senado sobre Relações Exteriores, 17 de setembro de 2008 (doravante Burns, Depoimento).
7. Burns, Depoimento.
8. BEATTIE, Alan e CLOVER, Charles. "Russia Lays Down the Law for a World in Need of Its Wares," *Financial Times*, 17 de setembro de 2008.
9. BLANK, Stephen. "Russia's War in Georgia: The Domestic Context," vindouro em *Perspectives*; WHITMORE, Brian. "Did Russia Plan Its War in Georgia?" *Radio Free Europe Radio Liberty*, 15 de agosto de 2008, FELGENHAUER, Pavel. "Moscow Ready for Major confrontations with Pro-Western Georgia and Ukraine," *Eurasia Daily Monitor*, 19 de junho de 2008, FELGENGAUER, Pavel. "Eta Byla Ne Spontannaya a Splanirovannaya Voyna," *Novaya Gazeta*, 14 de agosto de 2008, disponível em: www.novayagazeta.ru/data/2008/59/04.html; TRAUB, James. "Taunting the Bear," *New York Times*, 11 de agosto de 2008, disponível em: www.nytimes.com; LYNCH, Dov. *Engaging Eurasia's Separatist States: Unresolved Conflicts and De Facto States*, Washington, DC: United States Institute of Peace Press, 2004, 57; FROLOV, Vladimir. "Russia Profile Weekly 'Experts Panel: Russia going To War With Georgia,'" disponível em: www.russiaprofile.com; "Georgia: A Fresh Outbreak of Violence During Negotiations," disponível em: www.stratfor.com, 7 agosto de 2008; "Geopolitical Diary, Decision Time in South Ossetia," disponível em: www.stratfor.com, 8 de agosto de 2008; SOCOR, Vladimir. "Berlin Consultations on Abkhazia Derailed," *Eurasia Daily Monitor*, 1º de agosto de 2008; SOCOR, Vladimir. "Ossetian Separatists Are Provoking a Major Russian Intervention," *Eurasia Daily Monitor*, 7 de agosto de 2008; DOLGIN, Boris. "Military continuation: What Is Happening Around South Ossetia," Moscou, *Polit.ru* Versão da Internet, 8 de agosto de 2008, *FBIS SOV*, 8 de agosto de 2008; DUBNOV, Vadim. "Who Fired the First Shot," Moscou, *Gazeta*, em russo, 6 de agosto de 2008, *FBIS SOV*, 6 de agosto de 2008; Moscou, *Interfax*, em russo, 6 de agosto de 2008, *FBIS SOV*, 6 de agosto de 2008; SHESTAKOV, Yevgeny. "From South to North Evacuation of Children From South Ossetia Continues," Moscou, *Rossiyskaya Gazeta*, em russo, 5 de agosto de 2008, *FBIS SOV*, 5 de agosto de 2008; "Talking Through Gritted Teeth," *BBC Monitoring*, 6 de agosto de 2008; LATYNINA, Yuliya. "South Ossetia Crisis Could Be Russia's Chance To Defeat Siloviki," *Radio Free Europe Radio Liberty*, 8 de agosto de 2008; LOMSADZE, Georgi. "Georgia Tensions Flare Over Breakaway South Ossetia," *Eurasia Insight*, 4 de agosto de 2008; "Who's To Blame in South Ossetia," *Radio Free Europe Radio Liberty*, 8 de agosto de 2008.
10. Ibid.
11. "EU Considers Sanctions on Russia," disponível em: www.news.bbc.co.uk, 28 de agosto de 2008.
12. MYERS, Steven Lee e SHANKER, Thom. "U.S. is Reassessing Its Ties to Russia, Aides to Bush Say," *New York Times*, 15 de agosto de 2008, A1.
13. BLITZ, James. "Georgia Conflict Forces NATO Rethink," *Financial Times*, 17 de setembro de 2008, disponível em: www.ft.com.
14. SHERWELL, Phillip e LOUTHER, William. "Russia Threatens to Supply Iran with Top New Missile System As 'Cold War' Escalates," disponível em: www.telegraph.co.uk, 31 de agosto de 2008.
15. "U.S. Defense Chief Sees Problems in Russian Withdrawal from INF," *ITAR-TASS*, 16 de fevereiro de 2007.
16. Por exemplo, "Russia to U.S.: Choose Us or Georgia," disponível em: www.cnn.com, 13 agosto de 2008.
17. "Belarus Says It Has Talks with U.S. About Better Ties," *Reuters*, 22 de agosto de 2008.
18. ABABAKIROV, Nurshat. "Will the Conflict in South Ossetia Push Kyrgyzstan Into a Pro-Russian Stance?" *Eurasia Insight*, 20 de agosto de 2008; MARAT, Erica. "Can Nazarbayev Help Kyrgyzstan Escape Moscow's Pressure?" *Eurasia Insight*, 5 de setembro de 2008; Moscou, *ITAR-TASS*, em inglês, 11 de setembro de 2008, *FBIS SOV*, 11 de setembro de 2008.
19. BLANK, Stephen. "The Shanghai Cooperation Organization and the Georgian Crisis," *China Brief*, VIII, no. 17, 3 de setembro de 2008.
20. Ibid.
21. Ibid.; BLANK, Stephen. "The Values Gap between Moscow and the West: The Sovereignty issue," *Acque et Terre*, no. 6, 2007, pp. 9-14 (Italiano), pp. 90-95 (inglês).
22. BRADSHAW, Keith. "Loan to Georgia Illustrates Asian Dismay with Russia," *New York Times*, 13 de setembro de 2008, disponível em: www.nytimes.com; "IMF Approves \$750M Loan for Georgia," *Financial Times*, 17 de setembro de 2008, disponível em: www.ft.com.
23. HAHN, Gordon M. *Russia's Islamic Threat* (New Haven and London: Yale University Press, 2007), 1; para uma análise detalhada e atualizada do norte do Cáucaso veja o Jamestown Foundation's North Caucasus Weekly, disponível em: www.jamestown.org.
24. DUNLOP, John B. e MENON, Rajan. "Chaos in the North Caucasus and Russia's Future," *Survival*, XLVIII, no. 2, Verão, 2006, p. 110.
25. "Georgia War Marks 'Turning Point' In Russian Ties—Germany," *AFP*, 18 de agosto de 2008.
26. "Ukraine Ready to Work with West on Missile Defense," *Eurasia Insight*, 17 de agosto de 2008.
27. "Pentagon Sees Russia Strengthening Nuclear Deterrent," *Reuters*, 9 de junho de 2008.
28. GROSSMAN, Elaine M. "U.S. Navy Eyes Rising Need to Defend Czechs, Poles," *Global Security Newswire*, 1º de agosto de 2008, disponível em: www.nti.org.
29. "Robert Gates Says Russia Makes U.S.A. Increase Its Nuclear Potential," disponível em: www.pravda.ru, 10 de junho de 2008; Depoimento de Eric S. Edelman, Subsecretário de Defesa sobre a Política, Comitê das Forças Armadas do Senado, Washington, DC, 9 de setembro de 2008.
30. BLANK, Stephen. "The Unending Crisis of Russian Defense Industry," a ser publicado. Baseia-se em documentos apresentados à Heritage Foundation, Washington, DC, 8 de abril de 2008 e o Serviço de Segurança e Inteligência Canadense (CSIS, na sigla em inglês), Ottawa, 5 de maio de 2008.
31. Comentários de Stephen Blank, Eugene Rumer, Mikhail Tsypkin e Alexander Golts, em Heritage Foundation Program, "The Russian Military: Modernization and the Future," 8 de abril de 2008, disponível em: www.heritage.org/press/events/ev040808a.cfm; BLANK, Stephen. "The Political Economy of the Russian Defense Sector," LEIJHONHIELM, Jan e WESTERLUND, Frederik, editores. *Russian Power Structures: Present and Future Roles in Russian Politics* (Stockholm: Swedish Defense Research Agency, 2008), pp. 97-128.
32. BLACK, Jeremy. "Force and Legitimacy in World History," *RUSI Journal*, agosto de 2004, pp. 52-60; SCHROEDER, Paul W., *The Transformation of European Politics 1763-1848* (Oxford: Clarendon Press, 1996), pp. 576-77.
33. Por exemplo, LUKANIN, Mikhail. "Price of Victory: Military Experts on Mistakes of the Campaign In South Ossetia," Moscou, *Trud*, em russo, 18 de agosto de 2008, *FBIS SOV*, 18 de agosto de 2008; DZHADAN, Igor. "A Post-Flight Analysis: The Five-Day War: Equipment and Morale," Moscou, *Agentstvo Politicheskikh Novostey* Versão da Internet, em russo, 15 de agosto de 2008, *FBIS SOV*, 15 de agosto de 2008; LOWE, Christian. "Georgia War Shows Russian Army Strong but Flawed," *Reuters*, 20 de agosto de 2008; "Interview With Pavel Felgenhauer by Lorraine Millot," Paris, *Liberation*, em francês, 19 de agosto de 2008, *FBIS SOV*, 19 de agosto de 2008; EVANS, Michael e FLYNN, Kevin. "Russian Fighting Machine is showing Its Age, Say Military Analysts," *London Times*, 22 de agosto de 2008.
34. CIENSKI, Jan. "Tbilisi Admits Misjudging Russia," disponível em: www.ft.com, 21 de agosto de 2008.
35. Blitz; Burns Depoimento.
36. Sobre o modelo russo veja HELLIE, Richard. "The Structure of Russian Imperial History," *History and Theory*, no. 44 (2005): pp. 88-112; BAKER, Peter e GLASSER, Susan. *Kremlin Rising: Vladimir Putin's Russia and the End of Revolution* (New York: Scribner's, 2005), p. 417; ROSEFELDE, Steven. *Russia in the 21st Century: The Prodigal Superpower* (Cambridge: Cambridge University Press, 2004); POE, Marshall T., *The Russian Moment in World History* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2003); HEDLUND, Stefan. *Russian Path Dependence* (London: Routledge, 2005); PAIN, Emil. "Will Russia Transform into a Nationalist Empire," *Russia in Global Affairs*, III, no. 2 (Abril-Junho, 2005): pp. 71-80; KOTKIN, Stephen. "It's Gogol Again" (texto apresentado como parte do projeto *The Energy Dimension in Russian Global Strategy*, James A. Baker III Institute for Public Policy, Rice University, Houston, 2004). Esses são apenas alguns dos autores que hoje veem a possibilidade da metáfora czarista como um meio de explicar a Rússia de Putin (Center for Strategic and International Studies, Washington, DC: Praeger, 2004), em certos trechos; PIPES, Richard. *Russia Under the Old Regime* (New York: Scribner's, 1975); BLANK, Stephen. *Rosoboronekspert: Its Place in Russian Defense and Arms Sales Policy* (Carlisle Barracks, PA: Strategic Studies Institute, U.S. Army War College, 2007); BALZER, Harley. "Confronting the Global Economy After Communism: Russia and China Compared" (texto apresentado à convenção anual da International Studies Association, Honolulu, HI, 1-5 de março de 2005); SHLAPENTOKH, Vladimir, em colaboração com WOODS, Joshua. *Contemporary Russia as a Feudal Society: A New Perspective on the Post-Soviet Era* (New York: Palgrave Macmillan, 2007); SHLAPENTOKH. "Early Feudalism—The Best Parallel for Contemporary Russia," *Euro-Asia Studies*, XLVIII, no. 2 (1996): pp. 391-411; STAVRAKIS, Peter. *State-Building in Post-Soviet Russia: The Chicago Boys and the Decline of Administrative Capacity*, Occasional Papers do Kennan Institute for Advanced Russian Studies, no. 254, 1993; STAVRAKIS, Peter. "The Russian State in the Twenty-First Century" (texto apresentado à VIII Annual Strategy Conference da Escola de Guerra do Exército dos EUA, Carlisle Barracks, PA, pp. 22-24 abril de 1997); HUSKEY, Eugene. "The State-Legal Administration and the Politics of Redundancy," *Post-Soviet Studies*, XI, no. 2 (1995): pp. 115-43.